

Nossas emoções envelhecidas com o amor que ficou lá longe deixaram a nossa companhia triste e vazia.

Exponho-me aprender sobre carícias, ali férteis como as necessito, verto os excessos e me envolvo sem calcular o tamanho e a consequência, incauto, sem perceber os perigos do amor que se manifestam exacerbados, faço extraordinário o tato. Elevo as energias e exalto a humildade que sensibiliza a intensidade, exacerbando a expectativa que a tudo excede. Assim fico por alcançar o que nem em sonhos imaginei.

Sinto uma saudade do que ficou lá longe de mim, insisto nessas viagens imaginárias, desejando o tempo congelado no verbo franco e no amor puro saindo deslumbrante, realizável, razoável, anunciando sonhadas intimidades. Encontro uma foto minha saindo com roupa de domingo com cara de quem vivia no lugar certo, sem lutas, lutos, conflitos, queixas ferindo ouvidos.

Ao se induzir o consumismo, o esvaziamento da auto determinação, se induz ao automatismo da habituação, da padronização, dos esforços dirigidos, das camas exageradas, dos desencontros precipitados, da falta de crença nos vínculos, da falta de tempo e suficiência para pensar, desembarcam dirigidos cuidados que fazem rezar em causa própria, evitando qualquer exame que avance na descoberta de que um outro existe.

Contigo dou adeus ao temerário desalento, tenho a vantagem, desbotei a palidez, adquiri o crédito, a audácia, a tua companhia. Sou prudente no que digo, vivo, ordeno, ganho. Já não me basta um amor de subsistência, sei da coragem ordinária e extraordinária. Propago o uso da carícia que te encanta, do toque geográfico e do gemido ancestral. Nos hábitos, a umidade e a sede generalizadas, causando desfechos, tentações, procuras, assombros e medos.

Tento descobrir o segredo da união dos amantes, saber como eles negociar com a vida, pedir as tréguas adequadas, esquecer os danos, acreditar que se movam para buscar alívio e que ao se perdoarem, viverão de repartir sonhos e apoios.

Meu amor necessita encanto, mobilizações que o sustente porque ele busca triunfar na solidão, superar o cansado pelo não vivido, afastar-se da ilusão que o desabita e o convida a emudecer. Meu amor quer ter a proteção que lhe assegure algum abrigo em meio a tantas ameaças.

Haver sido escolhido importa, cegou-me, faço as carícias comuns que aprendi fazer. Animado viro cúmplice dando um tom entre o amistoso que me une a tua companhia. Inauguro novidades, invento-te ser um novo sustento, despojado de ânsias e exageradas obrigações. A intenção maior me trouxe um alívio, eliminou o meu desamparo.

Desorganizas meu temor produzindo em mim certezas de ser amado. Divulgas uma onda de convencimentos germinando ideias escolhidas, o sangue novo e a esperança redimida. Não sei se é sangue ou coragem o que corre em tuas veias, uma exuberante disposição aparece com ímpeto tirando-me do descanso cada vez que me convidas a te amar. Esse farto convite me faz gostar do exagero, da fartura do teu desejo enquanto saboreio teus úmidos poros, teu calor libertando a natureza.

Não posso mais controlar meus sentimentos suponho que as atitudes românticas e as simpatias fazem por mim um grande serviço para devolver-me a autêntica razão, criativa e sem vaidades. Toda vida a passei

explicando-me as coincidentes diferenças que a franqueza ensina depois de duas taças e do calor de uma mão que oferece um punhado de afagos. Minha carência tem tanto a ver com tuas carícias que me pareces um invento, aproveito tudo o que me ofereces, opondo-me à minha vida solitária e vazia abro-te meu coração para repousá-lo na tua alegria.

Incautos os amantes costumam ser. O que buscarão neste lugar se aqui não há mar, velas e âncoras? Veem em busca de alívio, neste lugar violento, repleto de ofensas, lugar onde o anzol e a linha se perdem, exceto alguns prazeres, inseguros. Não tolerando a terra segura buscam acolhida se desnudando nesse desconhecido mar.

Quiçá em momentos propícios, por influência de uma educação em valores, sejam alcançadas maiores coesões dentro dos corações.

O mar não tem fronteiras, a alma degradada cativa, os frágeis de sentidos se suicidam aos pedaços, são ilhas, estão mais difíceis e os arquipélagos entregues nas mãos dos piores. O planeta estranha limites, fronteiras, soberanias, estranha alguns quase humanos construindo anti e sub humanos.

Eu necessito de silêncios que me deixem pensar. Alguns por ideal começam pelas bordas, para quem transporta códigos, os erotismos assimétricos são mais atenuantes, disfarçam o perigo ao mesmo tempo em que homenageiam uma cultura que elimina a marca da individualidade impondo a ditadura do comportamento sem crítica e sem valor.

Recrio. Assopro metas de vida nas lembranças para não as esquecer. Juntando sentidos dispersos, a marca indelével, biológica, amontoada em séculos guarda todas as memórias da espécie desde o nascedouro.

A memória resiste até chegar à cicatriz central que assiste a espécie, evoca pelas palavras, revelam a animadora presença de um vínculo que a engenharia social jamais se conseguirá apagar.

Acabada a autorização, coberto por feridas mal curadas conto que a verdade se fez nua. A serviço de documentar apresentou os ruídos letrados desempenhando declarações omitidas. Soam como uma língua sem corpo, um idioma sem povo. Evitam as famílias, os amores, os ofícios, os empregos, vivem vomitando disfarçados de condutores das alegrias.

O início do desenvolvimento do corpo faz com que ele volte a ter um lugar de destaque, principalmente próximo ao início da adolescência quando o sujeito deixa de brincar com objetos para voltar-se para o seu corpo, ao mesmo tempo em que começa a se organizar e a formar seus grupos sociais. E neles, vivenciar experiências amorosas, substituindo o brincar com brinquedos por jogos amorosos.

Animadas as compulsões, chamam-se as tentações de guias, se fragiliza de uma forma cínica e amigável para que não surja qualquer suspeita que irão desnaturalizar. Amansados, os pecados alimentarão sua virulência.

Simulo na ficção o real guardado, omitido, escapado, buscando novas versões, novos critérios pertencentes a outra racionalidade que pisa e habita o chão dos humanos infestando de plásticas na alma e no corpo, arremedos de humanidades.

Dando-nos sentidos comuns na ordem e no caos, sem antes nem depois, arrancamos segredos, intimidades, inovações, revelando animalidades impensadas enquanto afagavam nossos prazeres.

Alimento interlocutores inventados com a intenção de disfarçar os medos do tédio depositados no meu território.

Intensos desejos se acumulam enredando avanços e permanências, eles circulam entre objetos procurando identificar sujeitos.

Expulsados os fundamentos da calma e da temperança, com os despojos que restaram dos estragos feitos nos sonhos juvenis. Hoje contam histórias da destruição cimentadas que cancelaram suas existências.

Que se abram aos carinhos, vertam-se as almas, se sustentem as novidades, avancem organizadas lembranças, que se abram os amores que adotem tudo o que valha a pena.

Os ambiciosos não se conformam em ser apenas um trecho, querem um querer grande, e que em sua construção seja patrimônio.

Dos assombros do amor, se libera por todas as partes um ar sensível que desenha a festividade e alimenta os poderes da imaginação. Um forte romantismo anima os visitantes predispostos às mesmas perguntas e respostas guardando eternas confidências.

Recordações despertam dentro da minha alma motivações orientadas a um tempo de inocência civilizada e prestigiada.

Narro o verídico, sem sombras de dúvidas, narrado com inusitada fidelidade. A vida tem sido teatro de muitos acontecimentos. Embora não tenha registro algum me outorgo o direito de solicitar aceitação, até prova em contrário. Indiferente a outros destinos, faço residência definitiva nas solitárias memórias que como querências abundam ao meu redor.

Bens imateriais, nomes, espelhos, canetas, pentes, cantos, compõem um acervo exclusivo e singular que agregados contam o mais profundo de cada mundo. Dispensados o ADN, a impressão digital, a arcada dentária, a carteira de identidade, distribuídos como riquezas do homem comum, imensos valores, validaram as prerrogativas. Embora atacadas como unidades fictícias elas acumulam significativas conexões, contam a singular história. A invenção que elimina a história pregressa é uma falsificação da identidade, uma anulação da história e uma depreciação da fonte.

De acordo com as cerimônias de privilégio, quando o canto chama a dança obedece por dever. Incitados, os corpos possuídos de domínio se retiram da sobriedade agitados pela exaustão. Vinculados pela ocasião, se transferem posses. Internados em abraços percorrem longas distâncias para ocupar um momento que os entorpece dançando.

Pela dispersão, pela ausência de empatia, pela contrariedade, pelo ar que desanima, pela descontinuidade com que confessa o fracasso, pela desordem, nos é estendida a promessa de que o pior será o melhor para um planeta já ferido.

Uma cultura materialista se apresenta definida aos humanos para ser consumida, trata-se de uma nova droga de efeito fugaz, sempre a exigir novas doses.

É um procedimento astuto não especificar demasiado as promessas. Assim, toda fraude não correrá riscos. O ladrão se anuncia honesto e acusa de desonesto numa grosseira negação disfarçada de roteiro.

Proponho antes de tudo que deixemos de colonizar aos demais, permitir que sejamos crianças, adolescentes, jovens e anciãos.